



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico Tathaba — Lisboa • Telephone?

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

EM VOLTA DUM CRIME

O PLANO DOS ABUTRES

Meditado friamente,
está já em execução

A chantage financeira de que A Batalha ontem se ocupou é um crime, crime maduramente pensado. Mas é, além disso, um abuso da força, uma manifestação do poder do forte contra o fraco, uma especulação ignobil com a miséria do povo.

Trata-se dum crime isolado, praticado por um, dois ou três indivíduos rançancosos? Não. É uma coligação de muitos homens, se homem se pode considerar quem possui tam-baixos instintos.

Todas as casas bancárias tomam parte na chantage. Todas! Pode-se dizer soturnamente que elas constituem uma poderosa quadrilha.

O assalto foi estudado, premeditado. Estudaram-se os prós e contras, com o sangue-frio próprio dum malvadez re-guindista. Calculou-se, traçou-se um plano, cujo fim era reduzir à fome milhares de indivíduos. Não nos queremos referir à ruína de alguns novos-ricos ou milicianos, que amanhã arranjam maneira de pôr de novo em prática especulações infames. Temos só, sim só, daqueles que possuem meia dúzia de acções, pequenos títulos cujo rendimento lhes dá o sustento. Nesse caso estão muitos velhos, impossibilitados de trabalhar. As outras vítimas são os trabalhadores, que arruinam a saúde no trabalho excessivo, para comer à noite amas migas de granito.

Eles sabiam que iam levar a miséria a muitos lares, mas não se detiveram. Enriquecer, ganhar muito, é o seu único desejo.

O resto, as lágrimas de tantas mães, a morte pela fome de tantos filhos, pouco importa. É preciso que fizesse uma nova emissão, de nada isso serviria, por quanto viria enfraquecer mais a já desvalorizada moeda.

Só qualquer facção política os prejudicaria fazendo uma revolução. Mas contam com influências estrangeiras para a impedir e até com uma intervenção diplomática, que seria um comédio de intervenção estrangeira.

Por último, calcularam as probabilidades dumha revolução proletária e chegaram à seguinte conclusão: uma revolução social seria perigosa para eles, fatal mesmo, mas teriam também o prazer de ver a desgraça que ela causaria, em virtude do país não ter condições de resistência, nem agricultura nem indústria. Portanto, os operários, não se abalancando a fazer uma revolução, terão que suportar todas as suas infâncias.

Assim, os banqueiros julgam-se única força, os super-homens. Creem firmemente em levar a cabo a sua maquiavélica empresa sem temer que vencer grandes obstáculos.

Mega-se agora o cinismo, a podridão destes homens. Veja-se o que é a sociedade capitalista nas suas últimas consequências.

Os banqueiros julgam-se omnipotentes e não de facto, por enquanto.

Conseguem ter tudo na mão. De um momento para o outro, causam a fome, abalam o país de les a les.

O governo, o pequeno comércio, militarismo, são instrumentos nas suas mãos, manejados a seu bel-prazer. Eles, que são a alta finança, são os verdadeiros inimigos, muito bem ocultos detrás das balonetas, da política, da filantropia, enfim de dezenas de espalhafatos.

Eles são a cabeça, são o cérebro da sociedade burguesa. São o perigo, o verdadeiro perigo, que é necessário combater.

NOTAS & COMENTARIOS

Pão alvo

Diz-se que não há farinha para pão e que por isso ele é negro e intragável. Mas se quizermos, ou melhor, se pudermos alargar os cordões à bôsca, o pão aparece, não com o nome de pão, mas de bolo.

Assim nos falou António Feliciano Rodrigues e assim continuou:

—Na Rua do Sacramento, à Lapa, 68, casa particular — dum padre, por sinal, — vende-se pão fino...

—Mas com a aparência de bolo. Eu via para lá entrar muita gente e andava intrigado com a história. Enviei lá alguém e o caso teve a sua explicação. Naquela casa vendem-se pães pequenos, do tamanho dos antigos pães de 10 reis, mas custa cada, 10 centavos.

E poz-nos sob a secretaria uns dos pais, muito clarinho e ao qual deram, para disfarce, um leve banho de óleo.

—E não foi multado? — perguntámos.

—Não, porque o padre deve vender o com a graça de Deus...

Liberdade de imprensa

“Queremos a liberdade de pensar e de escrever para todos os que dessa liberdade saibam fazer uso”.

Assim dizia ontem a Pátria, num tom de quem recomenda jnizo ao governo.

É original o conceito que da liberdade de pensamento tem a Pátria. É uma liberdade com restrições.

—Para todos os que dessa liberdade saibam fazer uso”...

Imaginei que cada um tinha o poder de restringir os direitos como o governo entende ter, por exemplo, e que o “fazer uso” da liberdade de imprensa era encarado por cada um a seu modo. Acabava a imprensa por nada dizer, porque a todo o momento entraria um qualquer pelo redação e ordenava:

—Senhores jornalistas: mostrem-me o que estão rabiscando!

Os jornalistas mostravam humildemente a folha onde estavam impressas as mais sinceras ideias.

O censor lia, torcia a venta, discorria, achava que aquilo não era manequina de “fazer uso” da liberdade e gritava com voz de trovão:

—Não pode circular o jornal, porque está escrito em linguagem despejada!

Felizmente para nós e para a Pátria. Realizarão em seguida a concen-

NÃO APOIADO!
LOCUTORIO DUM INSURRECTO

PALAVRAS QUE PARECEM DE HOJE

Um terror que data de séculos

A propósito da censura à imprensa

Que eu saiba, a população do bairro da Ajuda não tem dado que falar desse, os últimos tempos. Nesse bairro as desordens estão como os candeeiros camarários: Só lá de longe em longe sargem, e mesmo assim bruxolantes e sem consequências. De manhã, *servet opus*, sai toda a gente de suas casas na fecunda da preocupação do trabalho. O bulfio esmorece enquanto o sol ascende e declina, e só à tardinha, as ruas da Ajuda se povoam e assumem por momentos o de rumores artérias cittadinas. Uma gralhada mais acesa ali, na taberna onde a pinga tem mais fama, uma discussão mais prolongada ao canto dumha rua, mas só a meia noite e é ver como tudo se aninhava sossegadamente, a procurar nos leitos pouco fôfos o descanso, para horas após o esforço recomece. Tranquilo e pacífico, que eu saiba, o bairro da Ajuda. Pois vai a população do bairro da Ajuda receber, como prémio do seu bom-comportamento, um grandioso serviço de vigilância, comandado pelo sr. major Naramora de Aguiar e exercido: 1.º pelo grupo de esquadões n.º 2, com sede em Belém; 2.º pela bateria de artilharia 3, aquartelada na calçada da Ajuda; 3.º pelo grupo de esquadões do batalhão 6; 4.º e ainda pelas 2.º e 4.º companhias do mesmo batalhão. Estas determinações, que altas razões de ordem pública provocaram, noticiava-as o Diário de Notícias de ontem. Não sei que demoníacos complots fariam a autoridade no remansoso bairro da Ajuda. Ceto é porém que vai ele ficar bem vigiado, para que perenemente a ordem pública esteja assegurada. A ordem pública sabem vocês o que é. E ficarem salpicadas de sangue, não tardará muito, aquelas ruas que até hoje nenhuma alteração da harmonia perturbou. Sangue derramado, bem entendido, pelos que nunca a ninguém sonharam fazer mal. Esses serão os provocados, os espancados, os agredidos. Os esquadões, as batarias, os cavalos, as armas, a polícia, que nunca a ninguém sonharam fazer mal, aqueles ruas que até hoje nenhuma alteração da harmonia perturbou. Sangue derramado, bem entendido, pelos que nunca a ninguém sonharam fazer mal. Aquela é a fórmula, e a sua aplicação, é a única que em vinte e quatro horas não tenha dado a volta do globo, e não apareça ao mesmo tempo formulada, redigida, impressa, afixada, apregoada, vendida, dada de graça, em milhões e milhões de exemplares, por toda a superfície do orbe, agora digo, o perigo que poderia ter a idea desapareceu instantaneamente.

Não há já segredos.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não tem mais do que ler, e resguardar-se. Acabou para os governados a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que tem ainda contra si, só, quanto que mantidos e pagos por eles próprios, os únicos poderes ocultos que subsistem no regime das sociedades modernas: os recônditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a polícia secreta, a intriga de corte para corte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliária, a busca aos papéis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivesssemos de garantir-nos contra os governados com a mesma segurança com que os governados se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imponhamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, para bem e para mal, mas principalmente para mal, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não tem mais do que ler, e resguardar-se. Acabou para os governados a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que tem ainda contra si, só, quanto que mantidos e pagos por eles próprios, os únicos poderes ocultos que subsistem no regime das sociedades modernas: os recônditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a polícia secreta, a intriga de corte para corte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliária, a busca aos papéis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivesssemos de garantir-nos contra os governados com a mesma segurança com que os governados se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imponhamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, para bem e para mal, mas principalmente para mal, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não tem mais do que ler, e resguardar-se. Acabou para os governados a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que tem ainda contra si, só, quanto que mantidos e pagos por eles próprios, os únicos poderes ocultos que subsistem no regime das sociedades modernas: os recônditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a polícia secreta, a intriga de corte para corte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliária, a busca aos papéis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivesssemos de garantir-nos contra os governados com a mesma segurança com que os governados se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imponhamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, para bem e para mal, mas principalmente para mal, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não tem mais do que ler, e resguardar-se. Acabou para os governados a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que tem ainda contra si, só, quanto que mantidos e pagos por eles próprios, os únicos poderes ocultos que subsistem no regime das sociedades modernas: os recônditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a polícia secreta, a intriga de corte para corte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliária, a busca aos papéis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivesssemos de garantir-nos contra os governados com a mesma segurança com que os governados se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imponhamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, para bem e para mal, mas principalmente para mal, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não tem mais do que ler, e resguardar-se. Acabou para os governados a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que tem ainda contra si, só, quanto que mantidos e pagos por eles próprios, os únicos poderes ocultos que subsistem no regime das sociedades modernas: os recônditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a polícia secreta, a intriga de corte para corte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliária, a busca aos papéis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivesssemos de garantir-nos contra os governados com a mesma segurança com que os governados se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imponhamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, para bem e para mal, mas principalmente para mal, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não tem mais do que ler, e resguardar-se. Acabou para os governados a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que tem ainda contra si, só, quanto que mantidos e pagos por eles próprios, os únicos poderes ocultos que subsistem no regime das sociedades modernas: os recônditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a polícia secreta, a intriga de corte para corte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliária, a busca aos papéis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivesssemos de garantir-nos contra os governados com a mesma segurança com que os governados se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imponhamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, para bem e para mal, mas principalmente para mal, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não tem mais do que ler, e resguardar-se. Acabou para os governados a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que tem ainda contra si, só, quanto que mantidos e pagos por eles próprios, os únicos poderes ocultos que subsistem no regime das sociedades modernas: os recônditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a polícia secreta, a intriga de corte para corte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliária, a busca aos papéis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivesssemos de garantir-nos contra os governados com a mesma segurança com que os governados se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imponhamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, para bem e para mal, mas principalmente para mal, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não tem mais do que ler, e resguardar-se. Acabou para os governados a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que tem ainda contra si, só, quanto que mantidos e pagos por eles próprios, os únicos poderes ocultos que subsistem no regime das sociedades modernas: os recônditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a polícia secreta, a intriga de corte para corte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliária, a busca aos papéis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivesssemos de garantir-nos contra os governados com a mesma segurança com que os governados se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imponhamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, para bem e para mal, mas principalmente para mal, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não tem mais do que ler, e resguardar-se. Acabou para os governados a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que tem ainda contra si, só, quanto que mantidos e pagos por eles próprios, os únicos poderes ocultos que subsistem no regime das sociedades modernas: os recônditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a polícia secreta, a intriga de corte para corte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliária, a busca aos papéis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivesssemos de garantir-nos contra os governados com a mesma segurança com que os governados se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imponhamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, para bem e para mal, mas principalmente para mal, porque o importante, porque o essencial é, sob

